

RESENHA

ESTEVE, José M. Mal-estar docente: a sala de aula e a saúde do professor. Bauru, São Paulo. EDUSC, 1999.

Por Rosiete Pereira da Silva*
Mestranda em Educação, UNICID

O livro em pauta aborda questões relevantes do **mal-estar docente**, termo usado pelo espanhol José Manuel Esteves Zaragoza, catedrático em teoria da educação na Universidade de Málaga, em estudos empreendidos acerca do tema. É considerado um clássico no campo da educação por abordar questões que tratam de indicadores que apontam elementos que estão na base e podem ser ordenados como possíveis causadores do mal-estar docente. Trata-se de uma tradução de Durley de Carvalho Cavicchia, editada no ano de 1999, pela Editora EDUSC, na cidade de Bauru, São Paulo.

O autor persegue o tema através de um verdadeiro estado da arte, trazendo conceitos, classificações, teoria e pesquisas de autores não só da realidade espanhola, mas europeia e americana, apresentando registros que comprovam o grande avanço do mal-estar docente no mundo. A obra não é recente, mas sua temática e contribuições, atualíssimas. Sua primeira edição é datada do ano de 1987, tendo na época de sua publicação grande repercussão entre professores espanhóis, cuja identificação com a temática ultrapassou fronteiras. Está organizada em seis capítulos que, de forma sintética, discorreremos a seguir com o intuito de contribuir instigando novos leitores que ainda não conhecem a obra.

No prólogo à terceira edição espanhola, diz o autor que a crise da profissão do educador vem crescendo e que o fenômeno do mal-estar docente não é característica apenas do sistema educacional espanhol. Indicadores confirmam que estamos diante de uma crise de realidade internacional, que cresce, apesar de publicações sobre o tema já anunciarem, em épocas passadas, de forma incipiente que algo não estava bem com os professores. Na França (1988) visualizava-se que a profissão de educador não estava mais sendo uma profissão atrativa para os professores mais jovens, que as substituições deixadas pelos professores aposentados não eram facilmente preenchidas.

Fazendo uma analogia do monólogo **A Vida é Sonho**, de Pedro Calderón de La Barca, com o sistema de ensino, a **Introdução**, intitulada **O Ensino é Sonho**, apesar de teatral e aparentemente poética, leva o leitor a instigar-se e até inquietar-se com a declamação de Segismundo, príncipe da Polônia, em seu cárcere. O cenário preparado de forma árida para tal fim, de repente vai se transformando de uma maneira totalmente inadequada, sem que o autor percebesse tais transformações. Objetos e funcionários são introduzidos no palco sem que o autor interrompa seu monólogo; somente quando um foco de luz forte o cega pela sua intensidade é que ele percebe que algo mudou no cenário. Risos na plateia, indiferente ao constrangimento do ator que continua sem querer sair do seu papel. Esteves compara essa situação – de indiferença, de descaso - com as que os professores estão sendo tratados no sistema de ensino, dizendo que “é injusto que nossa sociedade nos considere os únicos responsáveis pelos fracassos do sistema educacional massificado, apressadamente maquiado para fazer frente à avalanche da crise social, econômica e intelectual de nossa sociedade”.

A função de um enfoque teórico é abordada no **Capítulo I**. Para tratar do tema docência, necessário se faz ter um enfoque interdisciplinar e os trabalhos investigativos têm sempre um enfoque psicológico ou um enfoque sociológico. O primeiro fala do estresse dos professores ou do aumento da ansiedade intergrupal, quase sempre relacionados com as condições sócio trabalhistas em que a docência é exercida. O segundo enfoque, o sociológico, se refere às mudanças sociais surgidas nos últimos anos que afetam a vida do professor: violência nas aulas, esgotamento físico ou efeitos psicológicos.

O autor tece uma crítica de que, a multiplicidade de elementos que traduzem uma realidade complexa dificulta no estabelecimento do entendimento que esses elementos e as relações mantêm entre si, implicando no não aperfeiçoamento dos resultados das pesquisas. Evidencia a importância do papel da teoria no que se investiga e a necessidade de se ter modelos epistemológicos de construção balizadores para a prática do pesquisador.

No **Capítulo II** são apresentados **Indicadores do mal-estar docente**, onde o autor utilizando as contribuições de Blase (1982) para classificar o estresse do professor, distinguindo entre fatores primários ou principais e os fatores secundários ou contextuais.

Os **fatores contextuais ou secundários** são relativos à ação docente, ligados às modificações no papel do professor e dos agentes tradicionais de socialização. Verifica-se nos últimos anos um aumento das responsabilidades e exigências sobre os educadores – transferência de atividades tanto da família como da sociedade para a escola, sem que esta

esteja preparada para isso; transformação das famílias pela inserção da mulher no mercado de trabalho; aparecimento de novos agentes de socialização representados pelos meios de comunicação e consumo cultural de massa que se somam hoje às informações do professor; quais valores os professores devem transmitir para o bem dos alunos; necessidade de desempenhar papéis contraditórios, ora exigindo que seja amigo e companheiro dos alunos, ora que seja um juiz do desempenho do aluno; descaso e desrespeito pelo trabalho do professor; modificação do status social do professor, antes tinha um status elevado, na atualidade seu saber, abnegação e vocação caíram por terra na escala social; avanço contínuo do saber, indo muita além apenas da atualização, mas da necessidade do professor dominar qualquer matéria; e por fim, contribuindo para o mal-estar docente nos fatores contextuais destaca a imagem conflitiva do professor, publicada na imprensa, através das situações de violência física, demissões ou situações de conflito, baixos salários, falta de matérias e instalações inadequadas. Para o autor são elementos que acabam contribuindo com o mal-estar docente.

Incidindo diretamente sobre a ação docente, **os fatores principais ou primários** se referem ao “clima” da sala de aula. Entre esses fatores destacam-se: a falta de recursos não só para aquisição de material didático, mas se refere também a problemas de conservação dos edifícios, escassez de móveis, dentre outros; violência contra professores e instalações escolares refletidas nos roubos de materiais e depredações contra as escolas; desemprego que assusta muitos professores e por fim o esgotamento e a acumulação de exigências sobre o professor.

O **Capítulo III** aborda **Consequências do Mal-Estar Docente**, trazendo questões do absentismo trabalhista e abandono da profissão do professor. São apresentados aqui diversos estudos de pesquisadores de diferentes nacionalidades, em torno do tema absentismo que para Esteves, “o absentismo aparece como forma de buscar um alívio que permita ao professor escapar momentaneamente das tensões acumuladas em seu trabalho”. Sugere o autor necessidade de estudos que possam tratar das licenças curtas dos professores que em muitos casos fica fora da legitimidade da lei e alerta para a falta de clareza de algumas investigações científicas que muitas vezes não deixam as terminologias utilizadas em seus trabalhos de forma clara.

A **Evolução da Saúde dos Professores de 1982 a 1989** é tratada no **Capítulo IV**. O autor apresenta dados de sua pesquisa cujo objetivo foi estudar as licenças médicas oficiais

dos professores de ensino não universitário, seguindo modelos elaborados na primeira edição de O mal-estar docente. O estudo foi realizado em Málaga e interior com professores de EGB (Educação Geral Básica) e EE.MM (Ensino Médio), contabilizando as licenças médicas oficiais do período letivo de 1982-83 até o período letivo de 1988-89. Constata-se que, em um espaço de sete anos, multiplicou-se por três o número de professores de licença, mesmo que o número de professores tenha aumentado. Sua pesquisa investiga diversos fatores e dentre eles destacam-se: incidência das licenças por nível de ensino; incidência por sexo; média de idade dos professores em licença; duração média das licenças; diagnósticos mais frequentes das licenças médicas e por fim os ciclos de estresse e sua relação com as licenças médica.

O **Capítulo V** aborda **Para Um Modelo Compreensivo do Mal-Estar Docente**. Defende o autor a necessidade da elaboração de um modelo sistematizado que possa explicitar as relações existentes entre os múltiplos fatores que servem de indicadores do tema mal-estar docentes. Reconhece por justiça as contribuições de Blase (1982) e Polaino (1982) para a consecução do seu próprio modelo que não segue os modelos lineares dos dois autores, mas enfatiza que a “combinação de fatores pode conduzir os professores a um estado de ansiedade, ou melhor, a uma série de repercussões negativas que afetam sua personalidade”. A falta de estruturação teórica e de clareza na explicitação de termos como ansiedade, degeneração, angústia dentre outros são motivos de crítica para o autor, dada a importância que ele dá para estudos sistematizados.

Estratégias Para Evitar o Mal-Estar Docente são apresentadas no **Capítulo VI** como forma de proferir “soluções coerentes que evitem o aumento constatado nos últimos anos, das repercussões negativas do exercício da docência sobre a personalidade dos professores”. Na solução de fatores que corroboram para evitar o mal-estar docente apresenta duas abordagens. Em primeiro uma abordagem preventiva que parte das deficiências e lacunas constatadas no período de formação inicial dos futuros professores e em segundo lugar propõe estratégias para evitar o mal-estar docente no processo de formação permanente do professorado. Para ambas as abordagens tece o autor possibilidades de ações balizadas em diferentes estudos de vários autores.

O livro contém um **Anexo** com objetivo de fazer algumas observações no sentido de ordenar conceitualmente os termos “estresse” e “ansiedade” que estão presentes nas atividades do professor.

Entendemos a obra como de grande relevância para estudiosos e pesquisadores da área das Ciências Humanas pela infinidade de informações trazidas pelo autor, revelando que é preciso a utilização da teoria e de modelos a fim de que dados pesquisados de forma sistemática possam ser comparados e confortados no sentido de continuidade. Que o objetivo dessa resenha possa ser alcançado através de novos leitores que se dispuserem na leitura das suas 175 páginas.

ESTEVE, José. M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Tradução de Durley de Carvalho Cavicchia. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.

* Mestranda em Educação pela Universidade Cidade de São Paulo – UNICID. Especialista em Psicologia Escolar e Psicologia Clínica. Professora de Psicologia Escolar e a Aprendizagem do Centro Universitário CESMAC. Supervisora de Estágio na Ênfase de Psicologia e Processos Educativos.